

Artigo

Os diferentes momentos dos Jogos Olímpicos

Costumamos evocar a Antiguidade Clássica sempre que desejamos referenciar o passado dos Jogos Olímpicos Modernos. Um exercício proveitoso seria tentarmos entender o que era tal evento para os gregos, para, em seguida, debatermos suas continuidades e rupturas com a modernidade.

UM RELATO DO HISTORIADOR GREGO Heródoto nos conta sobre o espanto dos invasores persas, no século V a.C., ao descobrirem que os gregos compareciam em Olímpia para disputar entre si o reconhecimento de seus pares, buscando a glória, e não riquezas. Olímpia, localizada na península do Peloponeso, foi durante mais de mil anos tanto a sede quadrienal de festividades esportivas quanto um local de culto religioso para os gregos. Dentre as narrativas que cercam a origem dos Jogos Olímpicos, uma correlaciona as disputas esportivas aos rituais funerários. Este registro provém usual-

mente da descrição de Homero na *Ilíada*, na qual consta que Aquiles promoveu jogos em honra de seu amigo Pátroclo.

Para os cidadãos gregos, a prática corporal era parte fundamental da vida cotidiana. Não se tratava, entretanto, de uma atividade acessível a todos. Escravos e mulheres estavam excluídos. O treinamento físico associado ao cultivo do intelecto era almejado pelas elites, que viam na beleza física a manifestação exterior das virtudes morais de um indivíduo.

A despeito da centralidade de Olímpia, outras cidades organizavam seus próprios Jogos, como era o caso de Neméia, Platéia, Heréia, Delfos, Tebas, Rodas e Atenas. Os quatro maiores Jogos Pan-Helênicos recebiam as seguintes denominações: Olímpicos, Píticos, Nemeus e Ístmico. Tais acontecimentos mesclavam o aspecto religioso, de culto aos deuses do panteão, com o elemento agonístico, próprio das disputas atléticas. Durante o período de realização dos Jogos Olímpicos, as cidades-estado gregas encerravam momentaneamente suas desavenças bélicas.

A programação dos Jogos incluía diversos tipos de corridas, pentatlo, exercícios de luta e pugilato, esportes equestres, além de competições juvenis e disputas artísticas. Notemos que se tratavam de esportes individuais. O conceito de esportes coletivos surge com os Jogos Modernos. O objetivo dos competidores em Olímpia era a vitória. O que pode nos

parecer exótico é o fato de os gregos competirem nus. A nudez possuía para eles uma conotação de civilidade.

A partir da conquista romana, no século II d.C., os Jogos experimentaram uma mudança em sua natureza de competição, voltando-se mais para o espetáculo e abandonando progressivamente o teor religioso. Inicialmente combatido, o cristianismo foi legalizado em todo território romano após a publicação do Édito de Milão pelo imperador Constantino. O golpe final foi impetrado por Teodósio I que, em 393, pôs fim às celebrações de cunho pagão. Assim, com base nos registros históricos, temos que os Jogos Olímpicos antigos perduraram de 776 a.C. até 393.

Olímpia foi redescoberta em 1766 pelo arqueólogo britânico Richard Chandler. Ao longo do século XIX, as escavações, conduzidas por franceses e alemães, se intensificaram, aguçando a curiosidade da opinião pública europeia. Nesse mesmo século, a ideia de reinstituir Jogos Olímpicos se disseminava pela Europa.

Pierre de Freddy, o barão de Coubertin, estava ciente desse ambiente de efervescência relacionado ao legado grego antigo. Entusiasta do esporte como instrumento pedagógico, Coubertin buscava também promover a educação física e moral da juventude mundial. Ele apresentou sua ideia de recriação dos Jogos em dois momentos: 1892 e 1894. Neste último, o "Congresso Internacional de Paris para o estudo e a propagação dos princípios do amadorismo", tem-se como marco histórico a reinstituição dos Jogos Olímpicos, com a formação de um Comitê Olímpico Internacional e a definição da primeira sede dos Jogos. A originalidade da proposta de Coubertin estava na abrangência geográfica — não se tratava de um evento local ou nacional, mas sim de uma empreitada com objetivos globais.

Os Jogos "ressurgem", mantendo alguns elementos que estavam presentes na Antiguidade, e introduzindo novas tradições, principalmente nas décadas de 1920 e 1930. Os dois pontos de convergência mais emblemáticos talvez sejam a ausência de participação feminina e a exigência do amadorismo. Pierre de Coubertin não aderiu originalmente à ideia de mulheres como atletas, o que só

viria a ocorrer em Paris-1900. As duas principais divergências colocadas pelo evento na modernidade encontram-se na laicidade das festividades e em sua mobilidade global.

Ao longo de seus 120 anos de existência, os Jogos Modernos resistiram a duas Guerras Mundiais, aos boicotes de nações durante a Guerra Fria, a atentados terroristas, e sempre estiveram na vanguarda da introdução de novas tecnologias, desde as primeiras transmissões ao vivo até a qualidade de imagem em alta definição contemporânea. O evento olímpico não está assim apartado da história mundial. Ele é parte dela, ao mesmo tempo em que sofre suas influências.

Há, por certo, uma interface entre passado e presente na história dos Jogos Olímpicos, tanto no plano discursivo oficial quanto no senso comum. Porém, é equivocado crer que a modernidade apenas continuou a tradição antiga após um longo intervalo. Gostamos de organizar os fatos em uma perspectiva temporal, em pensar a história pelo viés do progresso inevitável, o que seria o caso da continuidade das Olimpíadas.

As evidências, no entanto, nem sempre suportam essa vontade. O embate entre o desejo manifesto e a realidade factual interpõe-se na comparação entre as Olimpíadas do passado e sua mímesis contemporânea. O trabalho do pesquisador é muitas vezes ser o "chato" que tira a graça das opiniões enraizadas no senso comum. Explicar os mitos, não deve, contudo, servir ao (des) propósito de retirar o prazer de assistir aos grandes momentos da história dos Jogos Olímpicos. Afinal, uma das experiências humanas fundamentais advém do ato de entregar-se descompromissadamente aos momentos de emoção proporcionados pelo esporte. ●

RONALDO HELAL é sociólogo, professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ)

FAUSTO AMARO é doutorando no PPGCom/UERJ com bolsa FAPERJ Nota 10. Sua tese lida, a partir de uma perspectiva histórica, com a relação entre os Jogos Olímpicos e a mídia impressa carioca nas décadas de 1890 a 1930